



Mensagem da Quaresma

VIVER A QUARESMA COM S. PAULO



Estimados diocesanos:

1 - Sentimos alguma inibição em redigir esta mensagem quaresmal, tantas são já as dificuldades das pessoas e das famílias. Mas, na história da salvação, essas dificuldades são um apelo a uma reflexão pessoal e colectiva e a Quaresma é o tempo propício para isso. Aliás, essas dificuldades frequentemente nasceram da ausência de espírito quaresmal das pessoas e das instituições.

O objectivo geral da Quaresma é ensinar-nos a colocar a Páscoa no centro da nossa vida, da vida da Igreja, de todos os Domingos e dos sacramentos. Neste ano S. Paulo será nosso guia.

É sabido que Saulo se converteu por uma aparição de Jesus Ressuscitado que, de repente, lhe fez compreender o mistério da sua morte, e Paulo fez desse mistério o centro da sua vida pessoal e das suas comunidades, proclamando que «nada mais sabe a não ser Jesus Cristo e Cristo crucificado», que «traz no seu corpo as chagas de Jesus», que «é nas fraquezas que se manifesta o poder da graça».

Nas suas cartas Paulo fala da morte e ressurreição como inseparáveis, e aí vai buscar a alegria do Baptismo, a força do Espírito Santo (Crisma), o segredo da «fracção do pão» (Eucaristia), o perdão dos pecados (Reconcilia-

ção), o conforto dos Doentes, o ministério dos pastores da Igreja (Ordem), a beleza do Matrimónio, a base da Virgindade consagrada e do Celibato, a esperança dos Defuntos, o sentido da colecta em favor dos pobres, a coragem no dia a dia, a dignidade do corpo, da sexualidade e do matrimónio, a maldade da escravidão, e aí encontrará força para aceitar contrariedades, riscos e fracassos, sentir a paz na doença, nas prisões e no martírio.

2 - A tentação de separar a morte da ressurreição já existia no tempo de S. Paulo. Eram os «inimigos da cruz de Cristo» (Filip. 3,18), que sonhavam com uma religião fácil e harmonizada com a sabedoria do mundo, que podemos chamar uma Páscoa sem Quaresma. Sem uma Quaresma de conversão, a Páscoa reduzir-se-ia a uma vulgar festa religiosa e social e o cristão a um homem de romarias, sem oração nem sacramentos, com uma vida de casado sem humildade nem perdão, e uma educação dos filhos sem exigências, a fazer uma catequese sem missa.

Para a educação da centralidade da integridade do mistério pascal aconselha-se a colocar em relevo, durante a Quaresma, o Crucifixo pascal, nas igrejas e nas casas de família, nas escolas

Cont. p. 3

Paz, Pobreza e Solidariedade

Diante da pobreza há que rever atitudes e incrementar a solidariedade e o altruísmo, para minorar males e injustiças, conscientes da dignidade humana, da função social da propriedade e do destino universal dos bens da terra.

Assistimos impávidos a atentados à dignidade das pessoas. Cresce o fosso entre ricos e pobres, nos países subdesenvolvidos e desenvolvidos. A exclusão

e pobreza relacional, moral e social, com o abandono e o desinteresse, desencadeiam conflitos entre pessoas, grupos e povos, potenciando a instabilidade social. Mil milhões de pessoas não têm que comer e a cada 6 segundos morre de fome uma criança. Ora, para quem tem fome, como dizia Ghandy, “um pedaço de pão é o rosto de Deus”.

Cont. p. 2



Madre Teresa

O ROSTO DE CRISTO NOS ABANDONADOS

página 4



Diocese

APOSTA NA PASTORAL JUVENIL

página 6

Paz, Pobreza e Solidariedade

Cont. p. 1

1. O Papa e a solidariedade global, na luta contra a pobreza

É impossível acabar com conflitos e situações de pobreza sem amor e abertura ao outro, sem prática da justiça e melhor distribuição de recursos, sem solidariedade global e procura do bem comum. Para lá dos pobres resignados, que nunca conheceram outra coisa, surgem muitos outros novos pobres, agressivos, com uma instabilidade emocional e psicológica, que se convertem em potencial factor de instabilidade social. E aumenta a miséria envergonhada, escondida, que não ousa queixar-se e pedir ajuda.

Na Mensagem do Dia Mundial da Paz: “Combater a Pobreza, construir a

pobreza, sem esquecer a terapia preventiva dos males, pois ‘quem semeia ventos colhe tempestades’.

Bento XVI fala de desproporção entre a gravidade da pobreza e os meios para a vencer, pois, certas medidas e atitudes cínicas de responsáveis e instituições não passam de hipocrisia estéril contra a pobreza, ao promoverem outras formas de pobreza de maior gravidade e com consequências deletérias para as pessoas e para a sociedade.

2. A falta de valores e a necessidade de ir à raiz dos males

Com a perda de valores e atentados contra a dignidade humana, o mundo perverte-se ao liquidar os pobres, crianças no seio

materno, velhos e improdutivos, impedindo-os de fruir os bens da terra, no banquete da vida. Cresce o egoísmo, o desprezo dos outros, a falta de esperança e de alegria e a vulnerabilidade das famílias e “quando a família se debilita, os danos caem inevitavelmente

com um destino universal.

Bento XVI pede um “código ético comum” de normas e regulamentações da lei natural, inscrita por Deus, na consciência do ser humano (Rom. 2, 14-15), visto como ser material e espiritual, inserido no ambiente e na teia de relações sociais. Exorta ainda a respeitar a “ecologia humana”, para que os efeitos perversos das diversas formas de pobreza, degradação e desrespeito da dignidade transcendente da pessoa não agri- dam ainda mais a sociedade, já pobre e debilitada, humana e espiritualmente.

3. A globalização pede abertura ao bem comum

Nem o livre mercado, nem a globalização salvam do egoísmo que alastra pelo mundo. Ela exige a solidariedade global, a procura e desejo do bem comum. Sozinha não salva, nem resolve os problemas das pessoas. A globalização deve ser regulada e impregnada de valores e altruísmo. Não há globalização económica dos meios de produção que dê frutos sem abertura aos outros, sem o reconhecimento do destino universal dos bens da terra, sem solidariedade mútua, sem a preocupação pelo bem comum e sem o amor preferencial pelos pobres, fundamental na doutrina cristã.

Já João XXIII falava, na Encíclica “Pacem in terris”, do ‘bem comum mundial’ e da necessidade duma autoridade pública mundial que o promova, regule e proponha a todos,

com clareza e convicção. Isto em 1963.

Na nossa região de Trás-os-Montes, vítima do ‘inverno demográfico’ e da hemorragia da população para o litoral, é visível o índice de pobreza e misé-



ria crescente e o fosso entre ricos e pobres. Como noutros lugares, “a maior parte da população... sofre uma dupla marginalização, ou seja, em termos de rendimentos mais baixos e de preços mais altos”, como diz o Papa. Crescem os preços dos produtos industriais e permanecem irrisórios os preços dos produtos agrícolas, o que conduz a uma magra economia de subsistência. A agricultura está de rastos, sendo praticamente inexistente, o que favorece o elevado índice de pobreza, a recessão e a amargura dos pobres, abandonados, a curtir tristemente a sua dor.

4. O empenho na luta contra a pobreza

A ordem do Senhor: “dai-lhes vós de comer” (Lc. 9, 13) não absolve os indiferentes, mas exorta à solidariedade em favor dos pobres, que sempre os teremos (Jo. 12, 8), como disse Jesus, pois é neles que Deus quer ser amado e reconhecido, uma vez que, no fim dos tempos, sere-

mos julgados pelo amor, como diz S. João da Cruz (Mt. 25, 31-46).

O verdadeiro amor é contagiante e inter-comunicante, como o dos primeiros cristãos que suscitava a admiração: “Vede como eles se amam”

E o amor mostra-se nas obras. A própria Eucaristia, que realiza e manifesta a nossa unidade eclesial, é ‘comunhão’ e partilha ou ‘fracção do pão’. O contrário é mentira e profanação do Corpo e Sangue do Senhor que se dá em redenção, como diz S. Paulo (1 Cor. 11, 17-29).

Deixemos que a caridade de Cristo plasme a nossa conduta solidária e amor fraterno. O grande sinal e demonstração da fé em Cristo e do empenho cristão é, foi e será sempre a solida-

riedade, o amor, a partilha, a abertura ao outro, a consciência do bem comum e o reconhecimento do destino universal dos bens da terra.

D. Amândio José Tomás

FICHA TÉCNICA

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim oficial da Diocese de Vila Real

Propriedade

Centro Católico de Cultura

Equipa de Redacção

P. João Batista G. Curralejo
P. Henrique Ferreira Oliveira

Administração

P. António Paulo Sousa
Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1

5000-669 VILA REAL

Tel. 259322034

Fax. 259378346

E-mail: ccc-vr@mail.pt

Impressão

Minerva Transmontana

Tipografia L.da

R. D. António Valente da

Fonseca

5000-539 VILA REAL



Paz”, Bento XVI exorta a olhar os pobres, com inteligência e coração solidário, sem esquecer as ‘pobrezas imateriais’, que não provêm da escassez dos bens materiais mas sim do “sub-desenvolvimento moral” e a considerar os efeitos negativos do desenvolvimento, já denunciados por Paulo VI e João Paulo II, nas encíclicas sociais. Há que lutar contra a pobreza material e outras formas de

sobre as crianças”.

Temos de ir à raiz do mal, evitar o esbanjamento, perdoar a dívida das nações, reduzir despesas bélicas e outras, recorrer ao diálogo nos conflitos, deixar de dizimar pessoas, de impor o aborto e anti-conceptivos, de lesar a dignidade dos pobres, das mulheres, das crianças, dos enfermos, dos portadores de deficiência e improdutivos, impedindo-os de participar dos bens criados,

CONSELHO DE PRESBÍTEROS Comunicado

A presença cristã no mundo

O Conselho de Presbíteros da Diocese de Vila Real, realizou a 65ª Assembleia no dia 19 de Janeiro de 2009.

Debruçou-se sobre a presença específica dos Leigos no mundo de modo a incutir nas suas estruturas o espírito cristão, constituído pela competência profissional e a consciência ética.

Verifica-se que é uma área cada vez mais difícil porque aparecem dissociadas as duas vertentes: a componente profissional é enquadrada numa perspectiva de protagonismo economicista sem os valores éticos da justiça social e do bem comum e a ética é por vezes substituída pela militância partidária e legalista.

Esta desorientação é especialmente sentida nas áreas da saúde e da família, na área escolar e formação da juventude. A educação específica dos leigos nestes sectores não poderá fazer-se unicamente nas actividades litúrgicas nem nas catequeses paroquiais, mas requer grupos de leigos e padres assistentes devidamente preparados.

Os respectivos secretariados vão ser reorganizados tendo em conta as realidades de cada zona pastoral e o espírito de comunhão diocesano.

Depois do trabalho feito sobre a educação litúrgica, esta atenção à presença cristã no mundo é essencial e sem ela a própria liturgia fica empobrecida.

Os conselheiros exprimiram também a sua preocupação pelo reflexo da crise dos preços agrícolas mormente do azeite e da azeitona na região.

Este sector acaba por vir juntar-se ao sector da batata, centeio, vinho, leite e carne. Resta o da castanha que, não sendo abundante, é economicamente rentável.

Em tudo isto se verifica o alerta lançado pelo Santo Padre na última mensagem sobre a paz: a subida dos produtos industriais (adubação, rações, transportes, electricidade) e a descida ou manutenção dos preços agrícolas.

A manter-se este quadro, a população dedicada à agricultura irá reduzir-se ainda mais com o consequente desemprego e o despovoamento das zonas rurais.



Mensagem da Quaresma

Cont. p. 1

e nos lares de idosos, e a venerar os cruzeiros dos largos públicos. As mães e educadores estejam atentas aos gestos, desenhos e sentimentos das crianças e ensinem-nas a fazer com afecto o sinal da cruz como sinal de Jesus morto e ressuscitado, retirando-lhes o medo inicial que possam sentir. Também o adorno discreto do corpo com uma cruz pode ser educativo.

3 - Um exercício fundamental na Quaresma é ouvir a Palavra de Deus e, a partir dela, rever a vida pessoal e colectiva e descobrir o sentido dos acontecimentos do mundo, tornando-os redentores.

Perceberemos que só Deus é o Criador e Senhor da vida e que, fora dos seus caminhos, será em vão que se constrói a cidade ainda que usem processos chamados democráticos. Descobriremos a realidade do que se dizia ter desaparecido há muito - o pecado. O pecado não é um fantasma ao lado da vida, mas são os próprios actos humanos e sociais que se apresentam disfarçados com os nomes civis de crises sociais, liberdades, autonomia pessoal e relativismo. A palavra de Deus descobre-lhes o rosto e chama-lhes «pecado», «estruturas de pecado» a pedirem mudança de vida.

Para despertar a atenção, convém colocar de modo visível, no interior da igreja e em casa, uma Bíblia, e ler os textos paulinos fundamentais

A seguir, rezar mais e melhor, sozinho e em grupo, em família e na igreja, pedindo perdão pelo mal que se fez e pelo bem que se omitiu, luz para ver o caminho a percorrer e coragem para agir. Da oração quaresmal farão parte a Missa, a Reconciliação e a

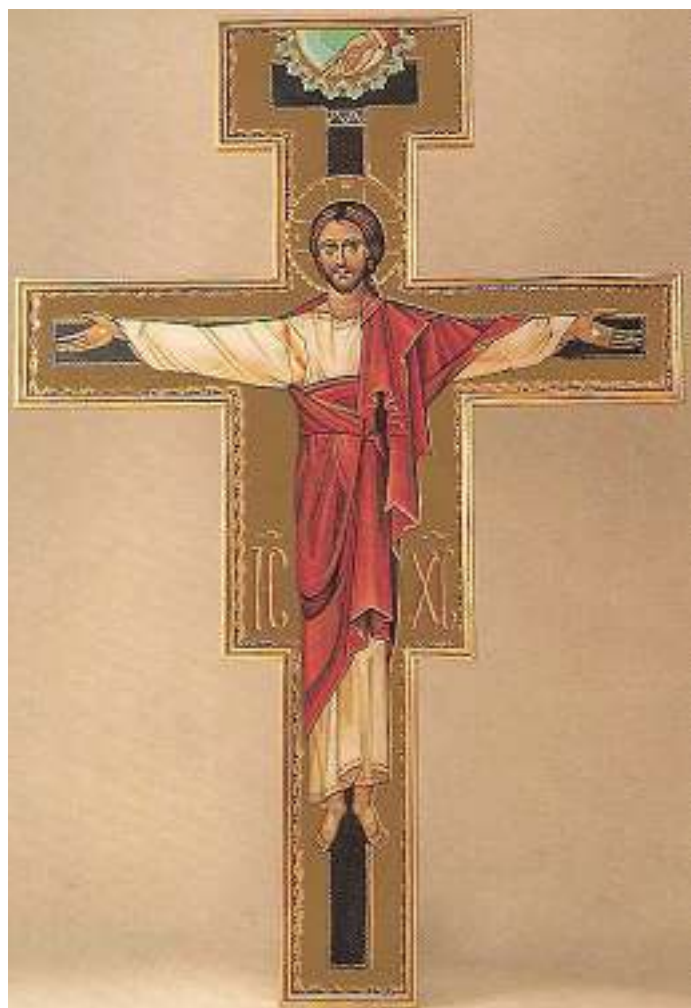
Via-Sacra.

4 - Outro exercício da Quaresma é a partilha de alguns bens com aqueles que têm menos que nós, como vem no Evangelho e na acção de S. Paulo.

O jejum cristão não é dieta de elegância e moda, de estética e desporto, de terapia ou convalescença, e muito menos desprezo pelo corpo ou sinal de tristeza, mas um gesto de amor às pessoas e comunidades cristãs, retirando algo da nossa boca para as

e mantenho-o na obediência», «completo na minha carne o que falta à Paixão de Cristo em favor do seu corpo que é a Igreja».

Os párocos organizarão a colecta oficial e a recolha da renúncia quaresmal num Domingo da Quaresma, cujo produto será entregue, em partes iguais, às duas obras diocesanas, ao «Projecto Homem» e à associação diocesana «Via Nova», dedicadas respectivamente, ao serviço de recuperação de jovens toxicodependentes e à for-



ajudar. O jejum cristão é o que Jesus dizia dever ser acompanhado de «perfume no rosto», a alegria espiritual. O jejum quaresmal ensinar-nos-á também a pôr ordem na vida pessoal, a evitar uma certa «vadiagem» de comportamento, a ser senhores da nossa vontade, a disciplinar o tempo, a saber viver na pobreza e na abundância, a dispensar televisão e bailes e a Internet, dizendo como Paulo, «disciplino o meu corpo

mação de adolescentes em risco.

Com S. Paulo, desejamos que esta Quaresma proporcione uma maior intimidade com Jesus morto e ressuscitado, e assim nos prepare para celebrar com alegria a Páscoa do Senhor.

Com dedicação e estima pessoal,
Joaquim Gonçalves,
Bispo de Vila Real,
Amândio José Tomás,
Bispo Coadjutor.

Madre Teresa de Calcutá

DESCOBRIR O ROSTO DE CRISTO NOS MAIS ABANDONADOS

“Os Santos - pensemos, por exemplo, na Beata Teresa de Calcutá - hauriram a sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor eucarístico e, vice-versa, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade precisamente no serviço deles aos outros. Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento” (Bento XVI, Deus Caritas Est, 18). Esta citação do Papa ajuda-nos a perceber que a autêntica experiência de Cristo unifica e conduz a uma atitude muito concreta na vida. Esta experiência do encontro pessoal com o Senhor leva, muitas vezes, como aconteceu com Madre Teresa de Calcutá, a descobrir o rosto de Cristo nos mais abandonados. Mas quem foi esta mulher diante da qual ninguém ficou indiferente?

A Religiosa

Agnes Gouxha Bopajhiu, Madre Teresa de Calcutá, nasceu, no dia 27 de Agosto de 1910, em Skopje, antiga Jugoslávia. Os seus pais eram de origem albanesa. Quando frequentava a escola primária, tornou-se membro de uma associação católica para crianças. Cresceu num ambiente cristão e, marcada pela acção e testemunho dos missionários, aos doze anos, já estava convencida da sua vocação à vida religiosa.

Ingressou na Congregação das Irmãs de Loreto que trabalhavam como missionárias na sua região. Foi encaminhada para a Abadia de Loreto, na Irlanda, onde aprendeu o inglês e depois foi enviada para a Índia, a fim de iniciar o noviciado. Feitos os votos, adoptou o nome de Teresa, em homenagem à carmelita francesa, Santa Teresa de Lisieux, padroeira das missões.

Depois dos votos começou por ensinar história e geografia no colégio da Congregação, em Calcutá. Exerceu esta actividade durante dezassete anos. Cercada de crianças, filhas das melhores famílias de Calcutá, ficava impressionada com o que via quando

saía à rua: pobreza generalizada, crianças e velhos moribundos e abandonados, pessoas doentes, sem ninguém que os ajudasse.



O serviço aos pobres

O dia 10 de Setembro de 1946 ficou marcado na sua vida como o "dia da inspiração". Numa viagem de comboio percebeu que deveria dedicar toda a sua vida aos mais pobres e excluídos da sociedade.

Depois de frequentar algumas aulas de enfermagem, que seriam muito

úteis para a missão a que se sentia chamada, saiu do colégio e foi viver com os pobres da cidade de Motijhil. Começou por juntar cinco crianças, de um bairro muito pobre, para lhes dar escola. Passados dez dias, já eram cinquenta crianças. O seu trabalho começou a ser conhecido e a solidariedade do povo veio em sua ajuda, não só com donativos, mas também com trabalho voluntário.

Para a irmã Teresa, o trabalho deveria continuar a dar frutos, independentemente das doações e dos voluntários, cujo número ia aumentando. Sentia que era necessário que ela e as companheiras, que entretanto foram aderindo ao grupo, tivessem o espírito de vida religiosa e consagrada. Torna-se claro o chamamento de Deus para se entregarem ao serviço dos mais pobres e abandonados. Nasceu assim a Congregação das Missionárias da Caridade, com estatutos aprovados em 1950, e Madre Teresa a primeira superiora. Como hábito escolheu o sári (traje nacional das mulheres indianas, constituído por uma longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo) branco e azul e uma pequena cruz no ombro. “Branco, dizia ela, por significar pureza e azul, por ser a cor da Virgem Maria”.

Na radicalidade do amor a Cristo e na fidelidade ao seu chamamento, as Missionárias da Caridade, andavam pelas ruas e levavam para as suas casas os doentes de toda espécie. Para as irmãs, cada doente e cada corpo chagado representava a figura de Cristo e a sua ajuda aos pobres

e abandonados era a mais doce das tarefas. Somente com esta atitude é que as corajosas irmãs poderiam tratar doentes cujos corpos, muitas vezes em putrefacção, eram imagens horrendas que exalavam cheiros intoleráveis, mas neles viam a imagem de Cristo que precisava de ajuda. Todos os pobres e doentes tinham lugar, comida, higiene e um recanto para repousar junto das Missionárias da Caridade.

Afinal, o mundo reconhece o bem

O trabalho de Madre Teresa foi reconhecido universalmente ao ser-lhe atribuído o prémio Nobel da Paz, em 1979. Este foi um dos muitos prémios recebidos devido ao seu trabalho humanitário. A sua obra espalhou-se rapidamente pelos cinco continentes.

No dia 5 de Setembro de 1997, Madre Teresa faleceu, na Índia, aos 87 anos. A comoção foi mundial. Uma fila de quilómetros formou-se, durante dias a fio, diante da igreja de São Tomé, em Calcutá, onde o seu corpo estava a ser velado. Depois de uma semana, o corpo de Madre Teresa foi trasladado ao estádio Netaji, onde o cardeal Ângelo Sodano, então secretário de Estado do Vaticano, celebrou a eucaristia de corpo presente.

No dia 19 de Outubro de 2003, o papa João Paulo II, seu amigo pessoal, beatificou Madre Teresa de Calcutá, reconhecida mundialmente como a “Mãe dos Pobres”. Na celebração desta solenidade, o sumo pontífice disse: “Continua viva na minha memória a

sua diminuta figura, dobrada por uma existência marcada pelo serviço dos mais pobres e entre os mais pobres, porém sempre carregada de uma inesgotável energia interior: a energia do amor de Cristo”.

Num dos seus pensamentos diz-nos: “Não usemos bombas nem armas para conquistar o mundo. Usemos o amor e a compaixão. A paz começa com um sorriso”. Ela amava a vida e procurava vivê-la com intensidade servindo e amando Cristo pobre nos pobres e abandonados. Com Madre Teresa de Calcutá e seguindo o seu exemplo, aprendamos a descobrir o que é a Vida:



“A vida é uma oportunidade. aproveita-a.
A vida é beleza, admira-a.
A vida é beatificação, saboreia-a.
A vida é sonho, torna-o realidade.
A vida é um desafio, enfrenta-o.
A vida é um dever, cumpre-o.
A vida é um jogo, joga-o.
A vida é preciosa, cuida-a.
A vida é riqueza, conserva-a.
A vida é amor, goza-a.
A vida é um mistério, desvela-o.
A vida é promessa, cumpre-a.
A vida é tristeza, supera-a.
A vida é um hino, canta-o.
A vida é um combate, aceita-o.
A vida é tragédia, domina-a.
A vida é aventura, afronta-a.
A vida é felicidade, merece-a.
A vida é a VIDA, defende-a”.

P. Abel R. Canavarro

A SALVAÇÃO PELA FÉ NO “EVANGELHO” DE PAULO

Um dos temas da teologia paulina que têm dado mais que pensar e que falar é a salvação (justificação) pela fé. Trataremos deste tema a partir daquilo que o Apóstolo escreve aos Gálatas (“Sabemos, porém, que o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas unicamente pela fé em Jesus Cristo” – Gl 2, 16) e aos Romanos (“Pois nele a justiça de Deus revela-se através da fé, para a fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé” – Rm 1, 17; cf. Hab 2, 4).

O anúncio da salvação gratuita através da fé foi sem dúvida o centro da pregação que Paulo fez do Evangelho que é de Deus (cf. Rm 1, 1) e do seu Filho (cf. Rm 1, 9) e que Paulo naturalmente assume também como seu (cf. Rm 2, 16). Ao longo dos séculos, as afirmações de Paulo foram interpretadas em sentidos diversos, sendo de muitos conhecida a forma como Lutero e os seus seguidores lêem as passagens acima citadas. A este propósito, lembramos que foi assinada pelos representantes da Igreja Católica e da Federação Luterana Mundial, a 31 de Outubro de 1999, uma declaração conjunta sobre a doutrina da justificação, que veio relançar o diálogo teológico a este respeito.

Não faremos aqui nenhum estudo sobre essa declaração, mas tentaremos perceber a mensagem do Apóstolo a partir dos próprios textos das suas cartas. Antes de tudo, deve-se clarificar os termos:

a) Justificação

Na base deste conceito está a palavra grega *dikaionês*, também relacionada com justiça. Não se dá a esta palavra um sentido jurídico de retribuição ou de vingança, como acontece na justiça que usamos neste mundo, nomeadamente aquela que deriva do direito romano. A justiça de Deus revela-se como salvação oferecida a todos sem excepção e é justificado aquele que aceita entrar na dinâmica salvadora do Evangelho, que “é poder de Deus para a salvação de todo o crente” (Rm 1, 16).

b) Fé

O termo grego *pistis* tem a ver com fé e com fidelidade, o acto de acreditar e o assumir das consequências daquilo em que se acredita. Não se trata portanto de uma fé teórica, mas da fé em Jesus Cristo e na sua obra salvadora (“a justiça que vem para todos os crentes, mediante a fé em Jesus Cristo” – Rm 3, 22; cf. Gl 2, 16). Tentando interpretar as palavras de Rm 1, 17, diríamos que Deus revela a sua salvação através da fé, que oferece como dom gratuito, e a resposta daquele que recebe este dom tem como exemplo a imitar a fidelidade do mesmo Deus. A força dessa fé vem-nos da morte e ressurreição de Jesus Cristo e não da Lei de Moisés ou de qualquer outra lei.

A partir destes pressupostos, poderemos compreender melhor o que Paulo nos quer dizer quando afirma que não é pelas obras da Lei que somos salvos. Ele não nega o valor das obras, porque por experiência própria sabemos que a fé que não se traduz em obras está condenada à morte (cf. Tg 2, 17.26). Pelo contrário, ele quer ajudar-nos a libertar do jugo da Lei (Gl 5, 18: “...se sois conduzidos pelo Espírito, não estais sob o domínio da Lei”) e também da escravidão das obras da carne, para podermos realizar as obras do Espírito que Cristo revelou: “Mas as obras da carne estão à vista. São estas: fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Sobre elas vos previno, como já preveni: os que praticarem tais coisas não herdarão o Reino de Deus. Por seu lado, é este o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio” (Gl 5, 19-23).

P. Manuel Coutinho

Anunciada Nota Pastoral dos Bispos portugueses em favor do genuíno casamento

Por motivo da problemática levantada pelo Partido do Governo que anunciou introduzir a legalização jurídica das uniões homossexuais, os Bispos portugueses sentiram-se na necessidade de publicar uma Nota Pastoral para reafirmar quem o genuíno casamento é só um: o heterossexual (de um homem com uma mulher), vivido em unidade e fidelidade, o que, naturalmente, exclui os casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Este documento sairá a público depois da publicação deste boletim, motivo pelo qual aqui se transcreve apenas um comunicado do Secretário da CEP, P. Manuel Morujão, onde esta problemática é abordada de forma serena e esclarecida.



1. A Igreja Católica em Portugal e, muito particularmente, os seus Bispos, deseja colaborar activamente, dentro do seu âmbito e especificidade, na construção de uma sociedade livre e democrática, no respeito das múltiplas diversidades, procurando a inclusão de todos, sem descriminar ninguém, por qualquer razão que seja: social, religiosa, cultural ou de género, acolhendo fraternalmente também os homossexuais.

2. Recordamos que o casamento entre um homem e uma mulher, e a consequente família, é uma instituição anterior à criação dos próprios Estados e aos seus ordenamentos jurídicos, que estes devem respeitar e promover. A verdade da vida humana assenta na complementaridade do homem e da mulher e o casamento, por definição e estrutura essencial, assenta sobre a heterossexualidade.

3. Qualquer iniciativa que um Estado ache por bem implementar para conceder direitos a um grupo humano que se constitui, por razões de amizade e ajuda, deverá ter um enquadramento jurídico claramente distinto do casamento e da família. Esta possível equiparação seria um erro antropológico com consequ-

ências graves para a estabilidade e consolidação da célula fundamental da sociedade que é a família, constituída por uma mulher e um homem que se unem em amor perene, aberta aos filhos que dela porventura nascerem.

4. A Igreja move-se em favor de causas e valores, nunca contra ninguém nem contra qualquer grupo ou partido que se oriente por um ideário divergente ou mesmo oposto. Assim, perante qualquer eleição no campo da política (e no ano de 2009 vamos ter três actos eleitorais em Portugal), a Igreja pede que os católicos votem na liberdade segundo a sua consciência, esclarecida pelos princípios e pela moral cristãos. Além disso, a Igreja Católica quer ser sempre factor de coesão e unidade, por meio do diálogo e de todas as boas práticas da fraternidade, evitando sempre tudo o que seja desrespeito ou confrontação com os órgãos de soberania, partidos e outras forças sociais da Nação. A firmeza da Igreja em defender os princípios que estruturam a base da convivência humana tem por fim promover a qualidade do bem-estar social, sempre numa atitude aberta e dialogante.

Aposta na Pastoral Juvenil Diocese reorganiza Secretariado da Juventude

No passado dia 1 de Fevereiro, o Bispo diocesano reuniu com os sacerdotes mais ligados aos diversos sectores da pastoral juvenil para conjugação de esforços e reorganização da sua estrutura ao nível diocesano.

A principal decisão prende-se com a articulação num mesmo órgão coordenador de todos os sectores que se dedicam à pastoral dos jovens: grupos paroquiais, Escutismo, Convívios Fraternos, pastoral universitária, pastoral vocacional, etc. Foi escolhido para dirigir este sector o P. Manuel Machado, antigo responsável pela pastoral juvenil na Diocese, actualmente Pároco de Mondim de Basto e anexas e Arcipreste do Baixo Tâmega.

Foi também acordado que se estabelecerão responsáveis por este sector da pastoral etária em cada um dos Arciprestados e que se valorizarão duas datas: o dia 25 de Abril, que passará a ser o Dia Diocesano da Juventude, e o Dia da Diocese, no primeiro Domingo de Junho.

Foi ainda estabelecido o local da próxima celebração do Dia da

Juventude. Será em Chaves, subordinado ao tema: "Cartas de Paulo, Cartas da Páscoa". Os jovens de cada Arciprestado são chamados a estudar uma específica Epístola do Apóstolo das Gentes e a apresentá-la aos outros jovens neste encontro de Abril.



Centro Católico de Cultura aposta em cursos rápidos

Depois de um curso sobre S. Paulo, orientado pelo senhor D. Amândio, na segunda quinzena de Janeiro e primeira de Fevereiro, o senhor D. Joaquim ministrou um sobre a liturgia da Igreja.

Em Março, às Terças e Quintas-feiras, das 20h30 às 22h00, far-se-á outro sobre ética social, denominado. "Moral social: forma cristã de ver o mundo". Será orientado pelo P. Manuel Linda, docente dessa área na Universidade Católica Portuguesa, e abordará temáticas tais como os direitos humanos, a economia e as relações internacionais, a relação Norte-Sul, a política, a educação e a cultura, a ecologia, a guerra e a paz, etc. As inscrições podem ser feitas no próprio dia de início do curso (3 de Março) ou pelo telefone 259 322 034.

Provavelmente, em Maio, far-se-á um outro sobre assuntos de bioética.



Recolecção espiritual Clero prepara o santo tempo da Quaresma

Como vem sendo hábito, na Segunda-feira de Carnaval os sacerdotes da Diocese passaram o dia em recolecção espiritual preparatória da Quaresma. Este ano, foi no Santuário de «Los Milagros» (Ourense, Espanha), os padres do norte da Diocese, e no Colégio salesiano de Poiães (Régua), o clero do centro e do sul.

Por este motivo, o costumado encontro de Março da primeira segunda-feira de cada mês (2/03) não se realiza. O próximo, será em Abril, no dia 6.

Retiro

Professores de Moral preparam-se para a Quaresma

Decorreu em Avesadas (Marco de Canavezes), no Convento dos Carmelitas, de 22 a 24 de Fevereiro, um retiro espiritual para docentes de Educação Moral e Religiosa Católica em serviço nas várias Escolas públicas e privadas da área da Diocese.

Todos os anos, a estrutura diocesana condenadora deste sector promove um retiro de formação espiritual para estes docentes que estão nas Escolas em nome da Igreja. O que quer dizer que não chega serem pedagogicamente competentes, mas devem dar testemunho do que é mais típico do cristianismo: a santidade.

Ribeira de Pena reaviva a Missão

Para reavivar a chama acesa pela Missão Popular que decorreu nas Paróquias do Divino Salvador de Ribeira de Pena, Santa Marinha e Santo Aleixo de Além-Tâmega, os missionários (Padres Vicentinos) voltaram a estas Paróquias durante uma semana: de 15 a 22 deste mês. É pároco o jovem sacerdote, P. Carlos Rodrigues.



Nem só
de pão
vive o
homem.

Religiosos celebram o seu dia

É a 2 de Fevereiro, dia litúrgico da Apresentação de Jesus no templo, popularmente conhecido como dia da Senhora das Candeias. Os Religiosos (Frades e Irmãs) vêm nesse dia um forte simbolismo, pois também eles, mais que qualquer outro fiel, são chamados a «fazer do templo» o centro das suas vidas.



Este ano, a celebração decorreu na véspera, dia 1, por ser Domingo. Foi em Godim, na Régua, onde vive uma pequena comunidade dos Padres da Congregação do Espírito Santo. Para além da parte religiosa, houve momentos de convívio e visitas culturais ao recém-inaugurado Museu do Douro e a uma outra comunidade religiosa: os Padres Salesianos de Poiães, também no Concelho da Régua, os quais, no seguimento do seu fundador, D. Bosco, se dedicam à educação da juventude.

Mensagem de Fátima promove Adoração

O Movimento da Mensagem de Fátima está a programar uma acção de formação para catequistas no sector da Adoração ao Santíssimo Sacramento com crianças entre os seis e os dez anos. Será no dia 21 de Março, Sábado, das 9 h às 12 h, na Casa Diocesana de Vila Real (edifício do Seminário). A formação está a cargo de Maria Emília, responsável por este sector no Santuário de Fátima.

Este Movimento, na nossa Diocese, está confiado ao Diácono Permanente Paulo Santos. Qualquer comunicação pode ser feita via E-mail para paulomgsantos@sapo.pt ou, por carta, para Rua D. Pedro de Castro nº 1 – 5000-669 VILA REAL.



Vila Real contribuiu com pão e presunto, castanhas e vinho fino

O bispo de Aleppo, perto de Damasco, na Síria, que veio a Fátima presidir à celebração solene da conversão de Paulo, no dia 25 de Janeiro, informou que na Síria o diálogo entre as populações cristãs e muçulmanas existe ao nível das acções concretas (obras sociais comuns, inter-ajuda e trabalho comum), mas é inexistente no plano teológico, doutrinário, ou seja, no conhecimento da religião. Já em Novembro passado, num Encontro promovido pelo Vaticano em Roma, o único aspecto doutrinário que foi objecto de diálogo entre os delegados foi um aspecto prático: «como se entende o amor ao próximo no islamismo e no cristianismo?»

D. Antoine Audo faz parte também da «Congregação romana para as Igrejas Orientais», e instado pelos jornalistas a dizer o que pensam os muçulmanos da Europa, informou haver neles a convicção de que «na Europa nem há fé, nem família, nem geração, nem valores». O diálogo religioso não lhes interessa. Por esse motivo, pensam que a conquista da Europa virá com o tempo, pela natalidade e sem guerra.

Ao senhor D. Antoine Audo foi oferecida a colecta das esmolas dos peregrinos e as ofertas em géneros regionais levados por cada diocese. Vila Real participou com pão de Montalegre e presunto de Chaves, castanhas de Vila Real e vinho do Douro.



A Igreja no mundo ...

Doutrina cristã na internet

Sabemos bem que a internet, hoje, é um «poço sem fundo». Para o mal e para o bem.

Pois, neste âmbito, pode ser útil a consulta de uma página que possui mais de 8.000 artigos e perguntas sobre diversos temas ligados à Doutrina da Igreja Católica, tais como: passagens difíceis da Bíblia; «terceiro segredo de Fátima»; Inquisição; Concílio Vaticano II; espiritismo; «provas» racionais da existência de Deus; Renovação Carismática; protestantismo; gnosticismo; tomismo; movimentos da Igreja; e muitos outros.

É brasileiro, mas vale a pena. Segue o link: www.montfort.org.



Na Bolívia: Bispos contra o Governo?

«A Igreja não fala contra nem a favor de um regime político, fala para servir e orientar os fiéis a partir do Evangelho»

Estas palavras fazem parte de uma declaração da Conferência Episcopal da Bolívia, publicada no princípio de Dezembro, em que rejeita «os constantes e injustificados ataques dos membros do governo da Bolívia ao Santo Padre Bento XVI, ao cardeal Júlio Terrazas, a outros bispos e à Igreja Católica».

Esses ataques, desferidos pelos deputados e por outros políticos do partido socialista MAS e membros do governo de Evo Morales, iniciaram-se após uma homilia do Cardeal na qual exprimira a sua preocupação com o aumento do narcotráfico no país.

Esquecido o genocídio do Congo

acompanhados da secretária da Comissão Justiça e Paz do Congo, dois bispos daquele país deslocaram-se à sede da ONU em Nova Iorque para insistir na urgência de apoiar e aumentar o número de 17.000 militares enviados para aquele país, a fim de se acabar com o «genocídio silencioso» que ali se vem a praticar há anos.

Na última década mais de seis milhões de pessoas foram assassinadas. Este número só é igualado pelas vítimas da Segunda Guerra Mundial. Mesmo assim, são desrespeitados

Dia da Universidade Católica

Na Sé de Vila Real, o Bispo Coadjutor, D. Amândio José Tomás, presidiu à Eucaristia no Domingo passado, 1º de Fevereiro, dedicado à Universidade Católica.

«A Universidade Católica e as outras escolas prolongam no mundo o profetismo de Jesus e a missão de ensinar por Ele confiada à sua Igreja. Este mandato de ensinar não se restringe à catequese mas inclui toda a reflexão adulta. Os conteúdos científicos são os mesmos de todo o ensino sério, mas são aqui enquadrados na mundividência cristã», referiu na homilia.

Todos os fiéis são convidados a rezar para que a UCP seja fiel à sua vocação. As ofertas recolhidas nesse dia destinam-se a auxiliar os alunos vindos de África e da área da Teologia.

CARTA AOS SACERDOTES E ÀS COMUNIDADES CRISTÃS

1. A oferta, pelos fiéis, feita ao sacerdote que celebra a Eucaristia por uma intenção concreta por eles indicada, é uma longa tradição da Igreja, confirmada pelo Direito Canónico (cf. C. 945 I, do CDC), que prevê que se fixe na lei a quantia, ou estipêndio, a que o sacerdote tem direito (cf. C. 950).

Entre nós compete às Províncias Eclesiásticas determinar essa quantia. Em princípio cada uma das Províncias Eclesiásticas poderá determinar um estipêndio diferente. Mas já há vários anos que os três Arcebispos, de Braga, Lisboa e Évora acordaram em fixar a mesma quantia para todo o País.

Escrevemo-vos esta carta, no momento em que a pedido das outras Províncias Eclesiásticas fomos instados a fixar um novo valor dessa quantia máxima a que o sacerdote tem direito, uma vez por dia, mesmo que celebre mais do que uma Missa (cf. C. 954). Não queremos quebrar o acordo atrás referido, mas fazemo-lo com preocupação pastoral motivada pela situação social que o País atravessa, com a maior parte das famílias a sentirem dificuldades económicas.

2. Nesta perspectiva, lembramos o sentido desta oferta e dos valores pastorais que devem orientar as nossas atitudes, quer do clero, quer dos fiéis:

2.1. Em primeiro lugar, a gratuidade dos sacramentos. “Recebestes de graça, dai de graça” (Mt. 10,8). Os sacramentos não se vendem, nem têm preço material. O Código de Direito Canónico é claro a este respeito: “evite-se até a mais pequena aparência de negócio ou comércio” (C. 947). Todos os fiéis, mesmo os que experimentam

maiores dificuldades económicas, têm direito a que o sacerdote celebre pelas suas intenções, ainda que não possam oferecer o estipêndio (cf. C. 945 2).

Mas o espírito de gratuidade aplica-se também aos fiéis. O momento em que recebem um dom de Deus é, para eles, ocasião de contribuírem livremente para as despesas da Igreja, entre as quais se conta a sustentação do clero (cf. C. 946). O dar dinheiro é, na nossa civilização, da maneira mais fácil de partilhar com generosidade.



2.2. Esta gratuidade dos sacramentos exige dos sacerdotes o desprendimento e a ausência de qualquer espírito de avidez e de negócio. O que levou a Igreja, no passado, a fixar na lei a quantia máxima a que o sacerdote pode exigir como estipêndio para a celebração da Missa, foi exactamente a luta contra a ganância e os abusos de alguns.

A quantia assim fixada indica o máximo que se pode exigir e o ideal é que nunca fosse exigida. Ela é tomada pública como indicação para os fiéis. Esta atitude é expressão do espírito de pobreza que todos os sacerdotes são convidados a viver. Não esqueçam que o apego às coisas materiais prejudica gravemente a fecundidade da acção pastoral.

3. O sentido do estipêndio. Trata-se de uma oferta ao sacerdote celebrante, e nunca pode ser incluído nos bens do Fundo Paroquial. Nas

Dioceses da nossa Província Eclesiástica, os sacerdotes recebem todos uma remuneração fixa mensal, em cujo cálculo não deve entrar o que, porventura, recebam pela celebração da Eucaristia. Foi por isso que nas negociações com o Estado para aplicação da nova Concordata, o estipêndio não é colectável com qualquer taxa fiscal. É dinheiro que permite ao sacerdote praticar pessoalmente a caridade e investir na sua própria formação cultural.

4. As Missas plurintencionais. Recentemente instaurou-se o hábito de, na mesma celebração, o sacerdote aceitar oferecer a Missa por várias intenções dos fiéis.

Não há obstáculos teológicos a esta prática, dado o valor universal e infinito da Eucaristia como sacramento da morte e ressurreição de Cristo. Pode mesmo contribuir para o aprofundar da comunhão, valor fundamental de uma comunidade.

Mas a quantia do estipêndio, fixada por lei, não se pode aplicar

a estes casos, mas só à celebração da Missa aplicada por uma única intenção. A prática da celebração da Eucaristia por várias intenções não deve anular o direito que os fiéis têm de pedir a Missa por uma só intenção. É por isso que nas normas, quer da Santa Sé quer da Conferência Episcopal Portuguesa, se restringe o número das celebrações plurintencionais.

No que à oferta dos fiéis diz respeito, nada se lhes pode exigir, dando cada um segundo as suas posses e generosidade. Nem sequer é legítimo indicar o estipêndio fixado para as intenções individuais como ponto de referência do que são convidados a dar.

Do dinheiro recolhido nessa circunstância, o sacerdote pode retirar o correspondente ao estipêndio fixado. O remanescente não pertence ao Fundo Paroquial. Este dinheiro constitui um fundo autónomo posto à disposição do Bispo Diocesano, que o deve utilizar para o bem da Igreja, para ajudar outras Dioceses mais necessitadas, para mandar celebrar Missas pelas intenções de quem ofereceu e para incentivar a acção pastoral.

Todos sabemos que, neste capítulo, há alguns pontos a corrigir. Façamo-lo todos generosamente, na certeza de que o nosso desprendimento merecerá de Deus a força da Sua graça para fazer crescer a Igreja. Uma Igreja que pratica o desprendimento, será enriquecida pela generosidade de quem partilha e será sinal da gratuidade dos dons de Deus. O Ano Paulino aconselha-nos a encontrar em Paulo, também neste aspecto, um modelo inspirador.

Lisboa, 13 de Outubro de 2008

Quaresma

Papa insiste na necessidade de desprendimento do supérfluo

Numa sociedade consumista, é fácil confundir a felicidade com o possuir e com o consumir e esquecermo-nos que o desprendimento de bens materiais supérfluos é sinal de autodomínio e de libertação interior.

É para isto que o Papa nos chama a atenção, recordando a dimensão religiosa dos tradicionais jejum, esmola e penitência.

No final desta importante mensagem, o Papa escreve: “A

Quaresma seja portanto valorizada em cada família e em cada comunidade cristã para afastar tudo o que distrai o espírito e para intensificar o que alimenta a alma abrindo-a ao amor de Deus e do próximo. Pen-

so em particular num maior compromisso na oração, na «lectio divina», no recurso ao Sacramento da Reconciliação e na participação activa na Eucaristia, sobretudo na Santa Missa dominical. Com esta disposição interior entremos no clima penitencial da Quaresma. Acompanhe-nos a Bem-Aventurada Virgem Maria, Causa da nossa alegria, e ampare-



nos no esforço de libertar o nosso coração da escravidão do pecado para o tornar cada vez mais «tabernáculo vivo de Deus»”.